



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

LEANDRO MOREIRA DE JESUS

BABA:

Raiz do futebol

Salvador

2014.1

LEANDRO MOREIRA DE JESUS

BABA: Raiz do futebol

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
[Memorial Descritivo]

Realização: Leandro Moreira
Orientador(a): Simone Bortoliero

Salvador
2014.1

LEANDRO MOREIRA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom – UFBA) como requisito indispensável para a formação do curso de Comunicação Social– Jornalismo.

Orientador(a): Prof. Simone Bortoliero

BANCA EXAMINADORA

Prof. Simone Bortoliero (Orientadora)

(Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Salvador)

Prof. Dr. Maurício Tavares (avaliador interno)

(Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia)

Luiz Caraciolo Teles (avaliador externo)

(Pesquisador e Jornalista)

Salvador, 2014.1

Se todas as batalhas dos homens se dessem apenas nos campos de futebol, quão belas seriam as guerras.

Augusto Branco

RESUMO

Longe dos holofotes, dos gramados graciosos, dos estádios monumentais e das chuteiras de última geração, ainda pulsa forte o coração do futebol. São nos campos de barro, asfalto, quadras de cimento e outros pisos que o baba sobrevive e se mantém viva a paixão pelo futebol. Este memorial, que faz parte do trabalho de conclusão de curso (TCC) do estudante de Comunicação Social – Jornalismo, Leandro Moreira de Jesus, através do produto “BABA – Raiz do Futebol”, pretende mostrar exatamente isso. O amor pelo esporte mais popular e praticado no planeta, o futebol, é quase universal. O vídeo reportagem feito por este estudante tem a intenção de mostrar as singularidades, além de apontar semelhanças e talvez origem do jeito moleque dos brasileiros e baianos de jogar. As características e os diversos aspectos que o baba trás na sociedade de hoje. Mostrar o futebol além dos holofotes. Mostrar a prática dela como sua essência, sem o compromisso do profissionalismo ou com dinheiro, ou até mesmo como a prática do chamado “Baba” (pelada em algumas regiões do Brasil), ajudou na formação dos atletas e da cultura local e o papel social e agregador dele.

Palavras-chave: Esportes populares; Jornalismo esportivo; Baba; Futebol,

AGRADECIMENTOS

Foi um grande prazer falar sobre futebol no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Não só por causa da paixão que tenho pelo esporte, mas por que falar sobre o baba me trouxe muitas lembranças. Devo aos babas, não só as horas de prazer que tinha e tenho quando estou jogando, mas grande parte de minhas amizades saíram e saem deste ambiente. Algumas das pessoas que mais me incentivaram e apoiaram no meu processo de formatura saíram de lá ou tiveram os laços fortalecidos por conta do futebol.

Antes de qualquer coisa, agradeço a Deus por abrir meus caminhos e a superar os obstáculos que enfrentei nessa jornada. Mas gostaria também de lembrar dos meus amigos e colegas da faculdade, em especial, a Vitor Villar, que além das horas de bate-papos sobre futebol que tivemos na Facom, me deu um apoio, juntamente com Polábio Neto, indispensável nessa reta final de curso. Talvez sem a colaboração deles, a realização desse sonho jamais seria possível.

Quero destacar também o papel de algumas pessoas que considero indispensáveis na estrada até aqui. Como Elton Soares, Camila Queiroz, Alexandre Wanderley, Aparecido Silva e a todo pessoal do The Baba. E Não poderia deixar de agradecer aos meus professores durante esses 5 anos de Faculdade. E destacando a professora Simone Bortoliero, minha orientadora no desenvolvimento deste trabalho, ao professor Maurício Tavares, tutor da Radio Facom e um dos componentes da banca de avaliação e ao Jornalista Luiz Teles, fonte do documentário e também avaliador da banca.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO –	11
2.FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	12
3.O QUE SIGNIFICA BABA?.....	14
4. JUSTIFICATIVA - POR QUE BABA RAIZ DO FUTEBOL?.....	15
5.PRODUÇÃO – ROTEIRO – EDIÇÃO.....	17
6. CONCLUSÕES FINAIS.....	21
7. REFERÊNCIAS.....	23

ESTRADA ATÉ AQUI

Bom corintiano que sou, sempre fui apaixonado pelo futebol. Isso logo me aproximou do jornalismo, antes mesmo de saber o que era jornalismo. Na minha infância, fica horas e horas plantado na frente da TV, acompanhando todos os tipos de noticiários esportivos e jogos de futebol, quando não estava na rua “pegando meu baba”, claro. Assim como a maioria das crianças de minha idade na época, sonhava e tinha certeza que seria um jogador de futebol, não só um jogador de futebol, mais um futuro Romário ou Ronaldo, meus ídolos na até então. Apesar de ter iniciado, jogado nas divisões de bases de um grande clube do estado, aos 16 anos, não consegui dá seguimento a minha “promissora” carreira. Mas isso só era um mero detalhe, queria mesmo era trabalhar com o futebol de alguma forma. Aí então foi que me veio à ideia de fazer Jornalismo.

Quando entrei na Faculdade de Comunicação da UFBA, o amor pelo jornalismo e pelo futebol só foi crescendo. Uma instância, especificamente, me prendia horas dentro da faculdade, a rádio Facom. Entrei na Rádio Facom no mesmo semestre do meu ingresso na faculdade, em 2009.2.

Consegui convencer três colegas de minha turma a fazer um programa na rádio. Então formamos uma equipe composta por mim, Ruan Melo, Maria Garcia e Dudu Assunção e fizemos um programa de notícia e debates sobre temas atuais. No “Megafone” (programa que inclusive existe até hoje), a parte que mais me empolgava era o bloco final, ou seja, a hora do esporte, e logo após debatíamos sobre o tema. Ali era o início de outra paixão, o rádio. Os anos na Rádio Facom tiveram uma importância que considero singular em minha vida como profissional e como pessoa. Grande parte de meus amigos de faculdade que mantenho até hoje foram frutos destes períodos.

O rádio tem suas características peculiares que fazem qualquer um se viciar, como brincam alguns radialistas. Foi no rádio que aprendi a editar áudio, a locução, a improvisar, a aperfeiçoar meu texto para o gênero e até mesmo a melhorar minha diagramação e ilustração para algumas demandas da instância.

Ainda na Rádio Facom, tive o prazer de ministrar algumas oficinas de edição de áudio com Cido Silva e Dudu Assunção. Porém, em 2012, tive que me afastar um pouco da Rádio Facom, mesmo ainda fazendo parte dela, meramente agora como suporte. Comecei a estagiar na Rádio Sociedade, onde pude voltar a me aproximar de outra paixão, o futebol. Lá eu trabalhei no portal da rádio, na página de esporte. Minha primeira experiência no campo com o que eu realmente queria fazer.

No ano seguinte, fui trabalhar no Jornal Tribuna da Bahia. Lá também eu escrevia sobre esporte, porém, como uma espécie de freelance. Ou seja, muito mais trabalho, o que me afastou de vez da rádio e me aproximou ainda mais do esporte. Eram quase 24 horas respirando futebol.

Após o Tribuna da Bahia, participei do programa “Jornalismo do Futuro” do Jornal Correio e depois fui trabalhar na TV Record Bahia, onde acredito que tive uma das melhores experiências na minha formação e definitiva para a escolha do meu trabalho final de curso.

O período na TV Record teve uma grande influência na escolha de meu TCC ser um produto audiovisual. Antes de trabalhar na Record, não tinha muitas noções técnicas e práticas do gênero. Apenas o que aprendi nas aulas de Telejornalismo, algo que inclusive me fez ter mais curiosidade e buscar o máximo de informações.

Algumas campanhas publicitárias do Corinthians também conseguiram me encantar, mais especificamente uma. Um vídeo que coloca o Corinthians como uma república popular. No vídeo, até passaporte a nova nação teria. A campanha chegou a ganhar prêmios no festival de Cannes. Esse fato fez com que eu profundasse nos produtos audiovisuais produzidos pelo Corinthians. Aos poucos foi me familiarizando com o formato. Os enquadramentos, a forma de tentar contar uma história sem interferir aparentemente nas narrativas, ou pelo menos interferir de forma sutil, foi algo que me chamou a atenção.

INTRODUÇÃO

O início do futebol na Bahia é muito semelhante à chegada do esporte em diversos países e inclusive no resto do Brasil. Ou seja, trazido por brasileiros que passaram temporadas na Inglaterra. No caso da Bahia foi através de José Ferreira Junior, ou simplesmente, Zuza. Após ser mandado à Inglaterra para estudar, Zuza voltou ao seu país natal com a novidade trazida da Europa. Um esporte praticado com os pés. Pode-se dizer que o futebol na Bahia começou com um Baba. Algo bem semelhante ao que se ver hoje nas ruas de Salvador.

Zuza, que havia trazido na mala uma bola para a pratica do futebol, chamou alguns amigos, lhe ensinou as regras básicas para o jogo, marcou as balizas com duas pedras em uma distancia aproximadamente de dez metros e foi no Campo da Pólvora, no dia 28 de outubro de 1901, que aconteceu o primeiro baba em território baiano.

A produção deste memorial tem o intuito de melhorar o entendimento do produto “BABA – Raiz do Futebol”. Procurando um esclarecimento deste de a idealização do vídeo reportagem, conteúdo, modo de produção e etapas até a conclusão do produto.

Nesses pouco mais de 10 minutos de reportagem, tentei desenvolver uma relação do “Baba” como agente social, como forma de lazer, além de outros fatores como o contexto regional, socioeconômico e cultural do que nós chamamos de “Baba”, usando tudo que aprendi durante minha formação acadêmica e de campo. Esses aspectos serão melhores explicados durante a leitura deste memorial.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este tópico serve exclusivamente para uma maior compreensão do produto elaborado para o Trabalho de Conclusão de curso “BABA – Raiz do Futebol” e não pretendo me aprofundar no gênero reportagem, mais do que acho necessário para o alcance deste objetivo.

Durante o desenvolvimento do produto “BABA – Raiz do Futebol” me veio uma dúvida. Este produto pode ser classificado como um documentário ou uma Reportagem? E descobrir que é muito comum esse questionamento, pois muitas vezes o gênero documentário é confundido com reportagem. Por que afinal, ambos têm a intenção de tratar os temas abordados de uma forma mais aprofundada, fazendo uso dos registros de imagens, falas e outros artifícios audiovisuais.

Apesar de depois de um certo tempo de pesquisa conseguir encontrar matérias e autores que ajudassem a diferenciar os dois gêneros, não foi tão fácil encontrar obras que falassem sobre as características das grandes reportagens, como seria o produto produzido por este aluno.

Essa dificuldade que me refiro pode ser exemplificada pelo autor De la Rue (2006).

A falta de estudos acadêmicos sobre a grande reportagem indica uma dificuldade de definição, uma dificuldade de se dar um nome a um evento que - todos sabemos - é muito heterogêneo. A grande reportagem é maior, mas não sabemos bem quanto é esse tempo. Assim, a grande reportagem se define hoje muito mais pelo que ela não é, numa oposição ao jornalismo diário. (DE LA RUE, 2006, p 186)

Na obra *Jornalismo televisivo*, de Jean-Jacques Jaspers, ele diferencia o documentário da reportagem. Segundo ele o documentário é resultado de um olhar pessoal sobre um determinado fato, assunto, acontecimento, tema e etc, se baseando no ponto de vista de quem faz o documentário. É uma obra autoral com estéticas e premissas pessoais, particulares. Já a reportagem, tenta formular um “retrato completo” sobre um fato, como por exemplo, representações de diferentes pontos de vistas, além de uma criteriosa seleção de citações. Jaspers ainda diz que qualquer que seja as opiniões dos “media sobre o real”, por definição, parcial. O documentário de criação reivindica, de algum modo, esta limitação. (JESPERS, 1998, p.175).

Após diferenciar o documentário de uma reportagem, achei que também era de fundamental importância uma diferenciação entre a grande reportagem e da reportagem especial. E com o passar das pesquisas, descobrir que não elas na realidade quase não existem. Assim como a grande reportagem, a reportagem especial trata de determinado tema atual de uma forma mais aprofundada, a única diferença que pude encontrar entre ambas as definições foi em relação ao tempo. Sendo que a grande reportagem, assim como o nome já indica, tem uma duração maior. Tanto no tempo de produção, quanto no de exibição. Assim como Coutinho (2008) toma Calabrese e Voli para desmostrar.

Fruto de uma forte seleção, a dimensão da notícia televisiva é limitada por exigência de tempo, espaço a ser ocupado no fluxo audiovisual. Assim, cada notícia de TV deveria ser oferecida em pacotes informativos com cerca de 90 segundos (um minuto e meio), sendo possível a ampliação desses limites em casos excepcionais, ou de excepcional interesse e atração da audiência. (COUTINHO, 2008, p3)

Após o período de pesquisa, pude definir um “BABA – Raiz do futebol” como uma grande reportagem. As várias características encontradas, desde o modo de produção ao produto final, são de caráter muito mais jornalístico do que propriamente do gênero documental. Mesmo que, inicialmente, a ideia tenha sido a produção de um documentário que mostrasse o universo singular dos Babas de Salvador. A reportagem, ou melhor, a grande reportagem foi o melhor meio encontrado por mim para a elaboração deste produto.

3. O QUE SIGNIFICA BABA?

É muito comum ouvir nas ruas de Salvador algumas pessoas falando “bora pegar um baba?”. Isso pode até soar estranho para os ouvidos de quem não é baiano ou ainda não está familiarizado com o termo. Em outras regiões do Brasil é utilizado termos como “Pelada” e Rachão, para falar da mesma coisa, o futebol, ou melhor, o futebol de rua, de várzea, de campo de barro, ou seja, o não profissional. Segundo o historiador e professor da Universidade Federal da Bahia, Jeferson Bacelar, uma das fontes do produto do Trabalho de Conclusão de Curso, explica em entrevista concedida para a elaboração do vídeo documentário “BABA – Raiz do Futebol”, que ele descobriu, depois de muitas pesquisas, que o nome baba pode significar drible, por isso o nome teria se estabelecido.

Assim como a maioria das gírias do futebol, os termos são adaptados a depender da região do país onde está prática está ocorrendo. Na Bahia, o nome que ficou foi baba, assim como algumas gírias que podem soar extremamente estranhas para quem não pertence a esse mundo do “baba”. Há exemplo do banho de cuia, tabaca e letra, que são nomes que ganharam novos significados nesse universo.

Porém, mais que uma simples explicação da origem do nome baba, o produto tenta na verdade trazer os vários aspectos do que pode significar Baba. Para muitos, o baba pode ser considerado uma atividade recreativa praticada nas horas vagas. Para outros, o baba pode significar uma forma de criar laços de amizade e um grau de importância daquele indivíduo que em nenhum outro lugar seria possível.

Ainda o professor Jeferson Bacelar diz que o Baba também é resistência, pois dentro dele se formam novas estruturas. Um cara que na sociedade convencional não teria importância simbólica nenhuma, dentro do Baba, seja por mérito técnico ou por força física, consegue se destacar e ser respeitado pelos demais.

4.JUSTIFICATIVA - POR QUE “ BABA – RAIZ DO FUTEBOL”?

A escolha de um vídeo reportagem que fala sobre futebol, foi motivado, principalmente, pela minha vivência e paixão pelo esporte, mais especificamente, pelo futebol. Antes mesmo de entrar na Faculdade de Comunicação da UFBA, a Facom, já sabia que meu trabalho de conclusão de Curso seria algo ligado ao futebol, mas ainda não fazia ideia do que seria.

Com o passar do curso, como a disciplina de Telejornalismo, e minhas experiências no Campo do Jornalismo, principalmente no ultimo estágio na TV Record Bahia, fui me aproximando da linguagem cinematográfica e aprendendo um pouco mais das técnicas de edição, filmagens entre outros. Aí foi que me veio à ideia, por que não fazer um vídeo reportagem ou documentário sobre o futebol? Mas não o mundo do futebol que está na imprensa no dia a dia, e sim o que considero a verdadeira alma do futebol, o futebol sem holofotes, sem dinheiro, e movido única e exclusivamente pela paixão ao esporte. Trabalhar o “Baba” como objeto de estudo logo foi uma possibilidade. Até por que, como um bom “babeiro” que sempre fui, tinha a curiosidade de saber o porquê o “baba”, termo bem baiano utilizado para classificar o futebol não profissional, era tão popular. A facilidade de jogar talvez seja um dos principais motivos para a popularização da modalidade. Ou seja, para “pegar um baba” não é preciso às vezes nem bola, como eu mesmo já provei muitas vezes na minha infância. Colocando duas pedras para improvisar as balizas, juntando um monte de papéis amassados dentro de saco, para fazer de bola, chamar três amigos, e muita vontade de jogar, já era possível “pegar meu baba” na escola.

Outro fato motivador para elaboração deste produto foi à importância que os babas teriam em um contexto cultural para as comunidades em Salvador, para ser mais específico.

Apesar de saber que o baba, em outras regiões do país chamadas de peladas e rachões, não seria exclusividade nossa, mas que teríamos nossas singularidade.

Uso adaptados de termos futebolísticos para classificar dribles, como nó da vaca, tabaca, banho de cuia, nomes engraçados para que não pertença ao mundo do baba, ou seja, não foram termos criados exclusivamente para ele, mas sim adaptados, possuem outros significados para quem o pratica.

Durante o desenvolvimento do “BABA –Raiz do futebol” tive contato com alguns materiais que me inspiraram e me nortearam para a conclusão deste produto. Um documentário que me chamou muita atenção foi o “Pelada, futebol na favela” dirigido por Alex Miranda e que participou da 37^a Mostra Internacional de Cinema, chega bem próximo de aspectos que pretendo enfatizar durante o meu TCC. A importância do futebol de rua para as comunidades, dele como fator social e a influência dele na formação de alguns futebolistas pelo Brasil.

Em relação ao nome escolhido, uma das coisas que mais me influenciaram para definir o “BABA – Raiz do Futebol” foi uma experiência que tive na Facom. No meu terceiro semestre, juntamente com alguns amigos, formei um coletivo chamado de “The Baba”. O coletivo era uma espécie de grêmio recreativo que contava com eventos esportivos uma vez por semestre e um time que disputava o campeonato de futebol da UFBA. Nesse coletivo, existiam algumas coisas que considero uma das essências e funcionalidades do Baba, pois, assim como o meu objeto de estudo, teria o fator agregador, o esporte como lazer, e como inclusão social, apesar de um ponto de vista talvez não tão convencional, nesse caso. Dentro do “The Baba” também existia essa nova estrutura que o professor Jeferson Bacelar chama a atenção durante a reportagem. Essa reconfiguração simbólica dos indivíduos dentro desse contexto, sem levar em conta sua posição fora daquele ambiente. Essa experiência me motivou não só ao batismo do produto, mas foi um dos fatores primordiais para a elaboração deste.

5. PRODUÇÃO – ROTEIRO – EDIÇÃO

Quando optei por produzir sozinho o “BABA – Raiz do Futebol”, sabia das de muitas das dificuldades que estavam por vir. Porém, já havia me programado para algumas delas. Trabalhar em uma TV que me daria o suporte para pelo menos editar seria um dos recursos que iria aproveitar. As noções que aprendi durante este estágio também seria um fator que me ajudaria na elaboração execução do produto. Os contatos que obtive durante meu período trabalhando com esporte também facilitariam para conseguir as fontes necessárias para a execução do projeto.

O primeiro passo durante a elaboração da reportagem, foi produzir um roteiro que me guiasse para procurar as fontes, recortes e enquadramento a ser abordado. Mostrar o “Baba” como raiz do Futebol, o baba como a origem e essência do futebol praticado sem os compromissos financeiros e movido pela paixão ao esporte. O baba como agente agregador social. Desde o início procurei mostrar outros ângulos do esporte.

Escolhi primeiro os babas que iriam fazer parte da reportagem. Começando com um que acontece no Clube do ASBAC – Associação dos Servidores do Banco Central. Esse baba entrar no documentário como uma espécie de “elite econômica”, onde os praticantes fazem parte de um setor mais favorecido financeiramente. Para poder participar do encontro semanal, cada integrante paga 20 reais a diária. O baba é disputando em um piso de grama sintética. Além disso, os integrantes arcam com uma taxa para a compra de coletes e bolas. Ou seja, seria um aspecto mais “elitizado” deste esporte. Por outro lado, também procurei mostrar que não importa a classe econômica, o baba está presente em diversas comunidades, como no campo de terra onde garotos batiam uma bolinha e falavam de seu sonho de ser um jogador de futebol como Neymar.

Gravei em um campo de terra em Lauro de Freites, próximo a casa de um amigo. Ao avistar os meninos jogando bola, peguei a câmera, e comecei a filmar.

No contexto, procurei o outro lado, o lado da disputa, a transformação do jeito de se jogar futebol e o papel social que ele tem. A copa Cajazeiras, com times formados por moradores dos bairros de Cajazeiras e entorno, traz todos esses aspectos. Um campeonato que ocorre em um conjunto de bairros de classe baixa de Salvador e que seria muito mais que uma simples forma de lazer, mas sim um formato competitivo e que agrega valores culturais e sociais, além de movimentar a economia local. A Copa Cajazeiras foge um pouco do que significaria ao pé da letra o termo Baba, no entanto, a participação dele é colocada de forma proposital, uma vez que o baba colocado no documentário não seria apenas seguido à risca, mas sim suas várias maneiras de se manifestar e inclusive, seus aspecto evolutivo.

Em seguida, soube de um baba de ex-jogadores e atletas ainda em atividade que acontece em um clube no bairro de Itapoan. Logo marquei com um dos organizadores, o ex-jogador Osni, para gravar o encontro e recolher alguns depoimentos. Após marcar e remarcar por quatro vezes, por conta das chuvas que ocorriam em Salvador, consegui finalmente gravar o encontro semanal dos atletas e ex-atletas, porém, ainda por causa do mal tempo, e a falta de iluminação no local dificultou um pouco, e impossibilitou totalmente a gravação dos depoimentos. Ainda consegui salvar alguns lances e colocar no vídeo, no entanto, não tive a mesma sorte com as entrevistas.

Após fazer um banco de imagens de babas, comecei a marcar as entrevistas com algumas fontes que considero indispensáveis para a produção desta reportagem. Porém, o período pré-copa e durante copa, foi mais um obstáculo que tive que superar. Cheguei até a marcar entrevistas com alguns jogadores e ex-jogadores, mas acabaram não se realizando, por causa de outros compromissos que eles tiveram. Como a exemplo do pentacampeão do mundo, Edilson “Capetinha”. Cheguei a marcar e remarcar por três vezes uma entrevista, mas não cheguei a pegar o depoimento dele, por causa de outros compromissos que ele alegou ter.

Minha primeira fonte, fora as que não foram recolhidas durante o período da gravação dos babas, foi o Jornalista Luiz Teles, editor de esportes do jornal A Tarde. Conversei com ele a respeito da influência dos babas na formação dos atletas, como fator social entre outros aspectos da modalidade. Ele também serviu não só para enriquecer meu trabalho com o depoimento dele, mas também me indicou um pesquisador que talvez seja quem mais estudou e estuda o baba no território baiano. O professor da UFBA, Jeferson Bacelar.

Logo procurei o professor para entrevista-lo e conheci um pouco do trabalho dele, como o livro “Gingas e nos” que também serviu como material de leitura para a elaboração do trabalho. Pesquisador, ele conseguiu explicar um pouco da suposta origem do no “baba”, que, segundo as pesquisas dele, seria outro nome dado para dribles. Após algumas remarcações, consegui entrevista-lo. A entrevista com ele durou quase uma hora. Os depoimentos dado por Bacelar, serviu não só como material para entrar no documentário, mas também como suporte para o trabalho. Ele falou sobre a evolução e transformações do futebol brasileiro e vários aspectos que o baba teria nesse processo, além das singularidades dessa modalidade.

Agora com dois depoimentos de especialistas da área falta e vários de praticantes, faltava um atleta, um jogador. Já que não consegui salvar os depoimentos recolhidos no baba de Itapoan, optei de cara por entrevistar Bobô, figura bem representativa do futebol baiano e hoje superintendente da Sudesb. Como já havia entrevistado ele em algumas oportunidades nos veículos por onde passei, não tive tantas dificuldades para marcar algo. Combinamos de conversarmos no Estádio de Pituçu, onde ele estava trabalhando no período da Copa. O depoimento dele foi realmente o que faltava, porém, ainda tentei alguns outros atletas, mas como já estava no período da copa do mundo, não tive muito sucesso.

Com o banco de imagens e as entrevistas feitas, chegou a hora da edição. Como não estava mais trabalhando na TV Record, não teria mais o apoio de lá para meu trabalho de edição. Entrei em contato com um dos editores de lá que conhecia e fui até a casa dele para ela me dá um suporte na edição. Eu cortava as falas e escolhia as imagens que

entrariam na reportagem e ele montava, seguindo o roteiro, além de colocar os créditos e GC's. Passamos o fim de semana inteiro trabalhando na edição do material.

A escolha da trilha sonora foi feita baseada no documentário “Pelada, futebol de rua”. Na abertura utilizei a mesma música usada no filme de Alex Miranda. “País do futebol” de MC Guimé. Ou seja, uma música de ritmo rápido que representava bem a ideia do vídeo e casava com os clipes de imagens. A outra metade do vídeo entra a música Umbabaraumba de Jorge Ben Jor. Uma música tradicional que conta a história de um ponta de lança africano. Perfeita para o desenvolvimento de minha reportagem.

6. CONCLUSÕES FINAIS

O documentário “BABA – Raiz do futebol” foi idealizado com o intuito de mostrar alguns dos diversos aspectos que o “baba” ou “pelada” tem na sociedade. A importância dessa prática para a sociedade nos dias atuais e o papel que ele já exerceu na formação de novos talentos para o futebol nacional. Além disso, mostrar também o papel social e a reconfiguração de símbolos que existe dentro do próprio baba.

A participação de babas de classes sociais diferentes dentro do documentário serve para ilustrar que esse universo pode fazer parte de outros universos independente de sua classe econômica ou social.

Mostrar o futebol não profissional, não apenas o baba considerando o significado específico da palavra, ou seja, praticado sem regras específicas, foi proposital, para demonstrar o processo evolutivo ou transformador que ele sofreu durante os anos e ficando cada vez mais competitivo e como consequência, como disse o professor Jeferson Bacelar, mudando as características do futebol profissional brasileiro.

Outros aspectos do baba, como forma de lazer, ou esperança de uma realização de um sonho, como o garoto que quer ser um “Neymar” quando crescer, também fazem parte da idealização do produto. Além disso, a importância que o baba tem como agente agregador. Os laços de amizade que a prática proporciona como foi diversas vezes citada durante o documentário.

O baba como a raiz do futebol, por não ter os interesses imediatos, como dinheiro, contratos com patrocinadores, entre outras coisas do gênero, e sim o puro prazer de jogar bola, vencer ou perder, socializar, e praticar e demonstrar a paixão pelo esporte que mais mobiliza o mundo.

Uma vez alguém disse “O futebol é a coisa mais importante dentre as menos importantes”. Eu acho que ele estava certo. Dentro de tudo que o próprio futebol representa e pode fazer, ele é apenas um mero detalhe dentro do próprio universo do futebol.

7. REFERÊNCIAS

BACELAR, Jeferson. **Gingas e nós: o jogo do lazer na Bahia**, Salvador, fundação casa Jorge Amado, 1991.

MIRANDA, Alex. **Pelada, futebol na favela**. 2014. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=KGhwdJ9If_o

Acessado em 4 de outubro de 2013

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo, Editora Contexto: 2003.

GOMES, I.M; MELO, C.T.V.de; MORAIS, W. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. São Paulo: Papirus, 2008.

HELAL, Ronaldo. “**Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol**”. In: Revista de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física, vol.2, CEFD/UFSM, 1999.

HELAL, Ronaldo. “**Futebol – mitos e representações do Brasil**”. In: Villaça, Nízia e Góes, Fred. (orgs.) Nas fronteiras do contemporâneo. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

DE LA RUE, Saulo. A grande reportagem entre o mercado e a academia. In Elizabeth Bastos Duarte & Maria Lília (Orgs) **Televisão: Entre o Mercado e a academia**. Porto Alegre, Ed. Sulina 2006, p 183 - 188

MARCOS, Tino. “**Mundo Messi**”. Disponível em
<http://www.youtube.com/watch?v=dvCb_iDoJ-g>. Acessado em agosto de 2013

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1995